



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

UM JEITO AMÓ DE ENSINAR E PRODUZIR ARTE A PARTIR DA TERRA

Priscila Leonel¹
UNESP

RESUMO

Neste artigo trato do do ensino da arte que reverbera na criação da professora artista. A partir de uma aula mediada pela terra e pelo território, busco falar de vivências estéticas, as poéticas da terra, no meu território, como metodologia artístico/pedagógica para a universidade. A partir de um recorte específico da formação continuada de professores da rede municipal de Bauru, que qualificamos no Pólo Arte na Escola, projeto de extensão das docentes do curso de Artes da UNESP. Também proponho, em diálogo com alguns autores, revisitar a concepção de decolonialidade e apresento um conceito que denomino de Amò (palavra que significa cerâmica em lorubá) e que tenho traduzido, simbolicamente, como um estratagema para realizar um dispositivo decolonial de bem viver, em outro tempo, com mais coletividade e menos hierarquias. Conceito este que é tema atual das minhas atuais pesquisas que partem da terra, como linguagem artística, mas que ganham a potência abstração da potência de ensinar arte, pelo sensível, desconstruindo modelos coloniais de ensinar.

Palavras-Chave: Amò, terra, arte, ensino

INTRODUÇÃO

Como artista/ceramista e também professora de cerâmica, em uma universidade pública, brotam em mim estímulos diários, no contato com os ateliês onde produzo e onde leciono, das conexões com os jovens artistas, das visitas em exposições e do observar minhas filhas

¹Priscila Leonel é Artista e Ceramista - Docente do Curso de graduação e pós-graduação em Artes Visuais, na UNESP. Possui Pós-Doutorado em Arte e Cerâmica Decolonial, pela ECA-USP. Mestre e Doutora em Artes, pelo Instituto de Artes da UNESP, Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira. É Coordenadora do Programa de Extensão NUPE - Núcleo Negro para Pesquisa e Extensão da UNESP, de Bauru. É líder do Grupo de Pesquisa EGUNGUN: Ancestralidades, Cerâmica e Decolonialidade na Arte e na Educação.

<http://lattes.cnpq.br/5408235474739184>

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

crecendo nascem proposições de investigações, que perpassam meu corpo, através de uma materialidade principal: a terra.

Este texto tem como objetivo trazer uma discussão sobre arte educação na formação continuada de professores e pensar como a terra pode ser uma mediadora singela e cautelosa de muitos conhecimentos sensíveis, que nos convocam a decolonialidade.

Também trago neste artigo reverberações da prática docente na vida da professora artista, apresentando um processo de criação a partir da terra que sobra de uma aula, inspirada pela prática com os alunos.

Acrescento também, um diálogo com o texto Mediação Cultural para professores Andarilhos da cultura, de Miriam Celeste Martins (2012), ao criar uma aula a partir da ida a Bienal de São Paulo, que por sua vez se desdobra em prática artística. Como um processo circular que se retroalimenta na construção poética da aula, que passa pelos espaços culturais, pela sala de aula na universidade e pelo ateliê da artista-professora e pela sala de aula na escola pública.

Essa pesquisa traz essa discussão metodológica sobre as relações de construção de uma aula que quebre com os paradigmas tradicionais, extrapolando a aula, para o quintal da universidade, trazendo a partir disso uma relação com a ancestralidade dos saberes, decolonialidade e territorialidade. A partir de todos estes elementos se constitui um jeito Amò de pensar a aula. Considerando Amò, como um processo mais lento, que convida a outro estado de busca, que chama o adulto a acalmar o olhar e o pensamento, para produzir arte e produzir conhecimento.

DESENVOLVIMENTO

A questão não é tirar o sapato do pé. É se você escolhe acariciar a terra com os pés nus. Bárbara Matias Kariri (2024)

A partir da obra *Terra viva* (2025), de Marlene Almeida, que conheci durante a 36ª Bienal de São Paulo, comecei a construir uma proposição poética. A obra da artista traz amostras de terras de vários lugares do Brasil, apontando uma discussão sobre território e territorialidade,

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:



que vai ao encontro das minhas pesquisas sobre a materialidade e as possibilidades do barro, uma vez que minha produção artística se dá majoritariamente com a cerâmica.



Figura 1. Marlene Almeida, Terra viva, 2025. Instalação ,50 cm x 30 cm, São Paulo.

A partir da investigação proposta pela artista, volto ao meu território atual, o campus da Universidade, na qual atuo desde 2023 e que tem sido chão das minhas vivências artísticas, pedagógicas e culturais. Espaço que tenho descoberto aos poucos e me embrenhado nele. Dentro dessa perspectiva as cores da terra/argila/barro tem se tornado ponto de interesse na minha produção artística.

Convido os alunos, do pólo Arte na Escola, de Bauru, no segundo semestre de 2025, a darem início a um processo de caminhadas poéticas pelo campus, conhecendo a diversidade de tonalidades de terra que esse espaço nos fornecia e que, muitas vezes, nossos olhos estão tão acostumados e/ou neutralizados que deixam passar a riqueza destas múltiplas cores.

Estar em contato mais profundo no processo com terra, possibilitou outras conversas, outras formas de conexões, quando percebemos que mexer a terra, esta terra em mãos possibilita conhecer a terra, sentir sua potência, suas rugosidades, texturas, observando microrganismos que vivem aí ou pequenos micro rochedos, miudezas. Se olharmos de perto vemos que a terra se apresenta em tons múltiplos, entre marrons, cinzas, lilás, e essa gama possibilita preparar as



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes:

Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

tintas e produzir obras com essas cores. Damos início a uma pintura em algodão cru, quase como uma experimentação, mas ao mesmo tempo como mergulho naquelas terras que possibilitaram um mergulho em mim mesma.



Figura 2. Sem Título, 2025. Pintura c/ terra ,50 cm x 30 cm, Bauru - São Paulo.

Quando terminei uma das aulas, na qual utilizamos terras, no ateliê da faculdade, pensei em jogar fora o que sobrou nos potinhos, mas pensei melhor e resolvi que levaria para casa, aqueles restinhos. Em um momento de mais tranquilidade, no fim do ano de 2025,



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes:

Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

coloquei-me a preparar tintas com aquelas terras, em um estado muito íntimo e solitário, em meu ateliê.

Dessa experimentação com a textura e as variações de cores, começou a nascer um ser, o figurativo me instiga, como uma relação de olhar para si, que chamo do "corpo, fora do corpo", no texto Memórias do corpo-barro (LEONEL, 2024). As representações de bonecas que crio são imagens de minhas próprias histórias, e de personagens que povoam meu imaginário, evocando memórias coletivas e ancestrais, representando minha avós e minhas filhas, como entidades, cheias de sabedoria.



Figura 3. Sem Título, 2025. Pintura com terra, 30 cm x 20 cm, Bauru - São Paulo.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Da obra bidimensional, a partir das cores da terra, produzi uma obra em cerâmica, que é uma tradução das vivências que nascem da cor, passam pelo território, adentram o corpo, primeiro pelos meus poros e percepções táteis, entram na carne viva e se transmutam em barro, assim nasce a minha cerâmica. Colorida por engobes (tintas feitas com óxidos e argilas, que foram produzidos por uma ex-aluna, já formada e que ainda vive aqui na cidade, e que hoje tem como modo de vida a cerâmica. Essa peça se faz em cores, que passam pelo território e passam pelo ensinar e aprender, e pelas conexões que esse território construiu em mim.



Figura 4. *Entidade*, 2025. cerâmica terracota, 40 cm x 25 x 10 cm, Bauru - São Paulo.

TERRITÓRIO

A ideia de territorialidade está ligada a uma teoria da antropologia que considera a relação com o território como parte fundamental que perpassa os diversos grupos humanos. Por isso,



opae.com.br/





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

agregar o conceito de territorialidade ao projeto pareceu uma abordagem promissora para compreender como o esforço coletivo de um grupo social em ocupar, usar, controlar e identificar-se com especificidades de seu ambiente cria um "território" seu. Assim, pensar o território tornou-se parte substancial da atual pesquisa sobre a aproximação entre arte e pessoas. Permite perceber que essas relações estão mergulhadas em um espaço determinado e são mediadas por distâncias físicas e simbólicas que permeiam a criação social de um território e as relações com as instituições culturais. A territorialidade humana é formada por muitos caminhos, que produzem uma diversidade de territórios socioculturais. Assim, é de extremo potencial entender a relação que os grupos sociais mantêm com seu espaço. Ao investigar a conexão entre as pessoas e o patrimônio da cidade, utilizei o conceito de cosmografia, abordado por Paul Little (2002), ele descreve saberes, ideologias e identidades, coletivamente criadas, que os grupos sociais utilizam para estabelecer e manter seu território. A cosmografia de um grupo inclui peculiaridades e vínculos afetivos que as pessoas mantêm com seu território específico, assim como as histórias guardadas na memória coletiva e o uso social que se dá naquele território. A retomada de minha própria história fez-me perceber essa cosmografia nas minhas relações com a cidade. Os relatos dos participantes também me fizeram perceber como as pessoas se apropriam da cidade e quais espaços identificam como seu ambiente. Nessa perspectiva, o território é visto como produto da apropriação feita por meio do imaginário e/ou da identidade social sobre o espaço. (Leonel, 2017, p.94)

Neste espaço tenho tentado me encontrar e me reconhecer, desde o ano em que cheguei. Aqui tenho realizado, com os alunos, um evento chamado Simpósio Amò² que tem sido caminho para pensar decolonialidade, cerâmica e corporeidade. que tem sido muito significativo, para plantar e colher conhecimentos sobre a terra, assim, como fazer amigos, movimentar os alunos na universidade, e produzir queimas e rodas de conversa muito frutíferas, que colocam meus pés, com mais força neste chão.

² O II Simpósio Amò - Ancestralidade, Cerâmica, Corporeidades, Arte educação e Decolonialidade - Edição Internacional, aconteceu em maio de 2025, sendo uma iniciativa do curso de Artes Visuais, da FAAC/Unesp, campus de Bauru em parceria com o grupo de pesquisa, vinculado ao cnpq, "Egungun - Grupo de Pesquisa em Ancestralidade, Cerâmica e Decolonialidades na Arte e na Educação", que pertence ao programa de pós-graduação da Unesp PPG Artes do Instituto de Artes da Unesp, Campus São Paulo e parceria com a Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e com o Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGArtes- UERJ). O evento tem como objetivo criar espaços de diálogo entre acadêmicos e não acadêmicos, através de palestras, rodas de conversa e oficinas. Pretende ser um espaço de conexões interdisciplinares, vivências artísticas com o barro, a cerâmica, o corpo como protagonista da comunicação, as possibilidades artísticas, educativas decoloniais, a partir da ancestralidade. Buscamos reunir pesquisas em diálogo com a perspectiva ancestral como uma forma decolonial de viver e estar no mundo. <https://eventos.faac.unesp.br/amo2025/>

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

CORES DA ARGILA E ENSINO DE ARTE

Existem muitas cores de terra muito perto de nós, nos caminhos por onde passamos nos deparamos com tonalidades que podem fornecer materiais riquíssimos para uma aula. Materiais naturais, que conectam nossos alunos à natureza. E possibilitam ver, mais detalhadamente os detalhes no mundo que pertencemos.

Temos, por exemplo, Argila Branca: também conhecida como caulim, essa argila é naturalmente misturada com outros tipos de argila para suavizar os efeitos intensos das outras cores. A Argila Verde Ou Acinzentada: conhecida como montmorilonita, rica em zinco e silício. A Argila Amarela, dessa cor por conter silício e alumínio. Argila Rosa: uma mistura da argila branca e vermelha. Sua composição mineral é a mistura de quartzo, esmectita, ilita e caolinita (SAMPAIO et al, 2008; MEDEIROS, 2013). Argila Preta/Negra: por ser obtida das profundidades, é raramente encontrada pura (RIBEIRO, 2010). Possui grande quantidade de enxofre e matéria orgânica, como principais componentes presentes em sua estrutura. A argila Vermelha é a mais abundante em território nacional brasileiro, sendo uma argila mais rica em óxido de ferro. A cerâmica é materialidade viva ancestral. Essa matéria-prima – argila, retirada do solo – é também a mais bruta entre as conhecidas e utilizadas pelo homem. Sua aparência grosseira, sua total forma de organização confrontam a visão, o tato e o próprio raciocínio com a presença maciça do amorfo e sua primazia. (Levi-Stauss, 1985, p. 222).

A partir do conhecimento da terra começo a pensar que é possível criar uma metodologia de aula a partir dos ensinamentos da cerâmica. Ensinar cerâmica por si só é um ato decolonial. A palavra Amò, que em língua Iorubá significa Cerâmica, carrega consigo uma significação ancestral e possibilita olhar as características da cerâmica que podem fornecer respostas a perguntas antigas sobre como constituir o bem viver, oferecendo uma perspectiva crítica e alternativa para compreender e enfrentar essas crises contemporâneas, advindas de um sistema colonial degradante. A cerâmica carrega um saber específico, enquanto linguagem artística, através das técnicas de feitura do seu processo e neste caminho ela nos convida a fazer tudo mais devagar, pois ela tem outro tempo, ela convida ao coletivo, a não hierarquia, a aproximar as relações com o território, com a terra e estes elementos podem ser aprendidos,

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

cultivados. Com isso em mente, começo a pensar na possibilidade de se construir uma outra arte educação Busco abordar como o ensino de cerâmica pode encontrar um caminho para formação do ser humano, no campo da arte, como um projeto emancipador e reestruturador das representações dos tipos humanos hierarquizados que tem atravessado o processo educativo brasileiro Pilar Echeverry Zambrano (2023) em seu texto Pedagogias do corpo na educação de matriz africana de Salvador, fornece um elemento precioso para essa pesquisa que é justamente um olhar para o corpo que vivencia a aula. A autora apresenta o conceito de corpografia para uma compreensão melhor daquilo que não é nem mensurável e nem explicável (2023, p. 111).

Uma arte que faz sentido para cultura de determinado território. Assim, faz-se preciso trazer nossos alunos para experiência nos processos artísticos, que estimulem a conexão com sua identidade. “[...] Que a presença seja um constante exercício de confiar responsabilidade ao que nos atravessa” (Rufino, 2023, p.16).

Tornar a aula de artes uma experiência verdadeira como nos diria Dewey (2010), seria uma oportunidade para este aluno que não vê sentido na produção artística. A Decolonialidade, por sua vez, busca conectar este aluno com suas raízes, com imagens na arte que tenham mais a ver com sua realidade e seu cotidiano.

Nesta mesma vertente, a escritora e poeta Leda Maria Martins em seu livro “Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela” (2021) amplia essa percepção cosmogônica por presidir uma relação espiral do tempo, numa articulação temporal que permite sempre reinventarmos o futuro quando (re)estabelecemos o encontro com nossos antepassados. Construindo elos com um passado, de forma que o aluno veja sentido nas experiências mais banais como descascar uma laranja ou brincar com terra. Este ato é um profundo ato artístico, mas para percebê-lo é preciso estar atento e a aula de artes pode contribuir para a Descolonização do olhar para o que é arte.

Esta proposta questiona, não só a composição do currículo e da bibliografia nas aulas de artes, mas, inclusive, o formato da aula. Como referência metodológica trago *A Pedagogia Griô*, de 2015, da autora Lilian Pacheco, dialogando com a pesquisas de Tássio Ferreira, *Pedagogia da circularidade afrocênica*, de 2017 e com a pesquisa de Mariléia de Almeida, *Devir Quilomba – Antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas*. Buscando propostas e estratégias de pedagogias, inspiradas nos modos de ensino das culturas africanas.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

O texto chamado Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino de artes visuais, de Ivone Mendes Richter (2003) foi um grande ponto de partida, no reconhecimento destas tecnologias ancestrais como formas de resgate de histórias cotidianas, que são na verdade, grande potência que as histórias de vida podem trazer para arte contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de construir novas formas de se aproximar dos aprendizes, com respeito à ancestralidade em que se inserem e a todos os conhecimentos que estão agregados em seus processos de vida.

A partir do passeio poético pela materialidade da argila, proponho que é possível criar conceituações que nos aproximam do próprio evento narrativo, de maneira que o enunciado artístico como existência coletiva e temporal seja prática comum. Visto que que foi construído em comunidade. Ao explorar essa ciclicidade e ritualística dos processos cerâmicos, considerando o diálogo como ponto de partida para uma leitura vivida na prática do provérbio Akan Sankofa de que nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás, como “símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro.

Considerando que a memória, o objeto, o lúdico e a argila possam convidar a participar desta experiência, como agente capaz determinar novos rumos de interpretação da nossa existência, que tem início, meio e início.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariléia. **Devir Quilombola: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas**. São Paulo: Elefante, 2022.

KARIRI, Bárbara Matias. **Poesias da terra**. São Paulo. ed. Femininas: Margaridas, 2024

LEONEL, Priscila. **Um encontro com a mediação cultural: 40 Museus em 40 semanas**. Dissertação de mestrado entregue a UNESP - São Paulo, 2017

LEONEL, Priscila. **Museu dos afetos: uma cerâmica que afeta, cura e conecta à ancestralidade**. Tese de doutorado entregue a UNESP - São Paulo, 2021.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

LEONEL, Priscila. **Memórias do corpo-barro**. in PRADO, Divina; CARNEVALLI, Felipe; MOULIN, Gabriela (org.) Barro.1 ed. São Paulo. Instituto Tomie Ohtake, 2024.

LEVI-STRAUSS, Claude. **A oleira ciumenta**. Editora Brasiliense. 1985

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade**. Série Antropologia – Publicação: Departamento de Antropologia Instituto de Ciências Sociais Universidade de Brasília, 2002.

MARTINS, Mirian Celeste e PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª Edição. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MEDEIROS, Graciela M. da S. de. **O PODER DA ARGILA MEDICINAL**. Blumenau: Ed. Nova Letra, 2013

PACHECO, Lilian. **A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade**. Diversita, São Paulo, a. 2., n. 3, set. 2014 / mar. 2015

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino de artes visuais**, ed. Mercado de Letras, 2003.

RUFINO, Luiz. **Ponta-Cabeça - Educação Jogo de Corpo e outras mandingas**. Rio de Janeiro, 1 ed. Mórula, 2023

SAMPAIO, João A.; ANDRADE, Mônica C. de; DUTRA, Achilles B. J; PENNA, MárcioT. M.. **MANGANÊS: COMUNICAÇÃO TÉCNICA ELABORADA: USO E ESPECIFICAÇÕES**. Parte 2. Centro de Tecnologia Mineral. Rio de Janeiro, pág. 633-648. Cap.28, 2008.

ZAMBRANO, Pilar Echeverry. **Pedagogias do corpo na educação de matriz africana de Salvador - Perspectivas e desafios de um projeto emancipatório**. In. Dançando Bahia: Ensaio sobre dança afro-brasileira, educação, memória e raça/ Lucia Suarez, Amélia Conrado, Yvonne Daniel (org.), Salvador: EDUFBA, 2023.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:

